

Franklin Marques¹

EDITORIAL

Na área da saúde, a gestão dos recursos adstritos aos diferentes níveis que integram a rede dos cuidados de saúde constitui um dos focos de atenção e de interesse para os distintos decisores políticos e cidadãos, permanentemente sujeito a toda uma série de promessas de estruturação, reestruturação, reformas estruturais ou de qualquer outra terminologia comumente adotada. Ao longo dos últimos anos, contudo, a interpretação do conceito de gestão de recursos tem sido praticamente limitada aos de natureza económica, isto é, à diminuição dos custos associados à saúde, recaindo de modo particular sobre os custos a suportar diretamente pelo Estado, como seja o custo de medicamentos e pessoal, menosprezando ou esquecendo por completo a gestão criteriosa e cuidada dos recursos humanos. Nos tempos de hoje, e num futuro previsível, esta área da governação, ao contrário de outras, dificilmente poderá evitar o aumento dos custos diretos e indiretos a ela associada, resultantes, *inter alia*, do envelhecimento da população, das exigências cada vez maiores dos cidadãos (mais informados acerca da evolução dos saberes tecnológicos e científicos e, por consequência, mais reivindicativos dos seus direitos à saúde) e, essencialmente, da maior especialização dos profissionais de saúde e das solicitações que lhe são dirigidas. Neste sentido, a necessidade da qualificação e a escolha criteriosa dos recursos humanos adstritos ou a integrar qualquer instituição da área da saúde adquirem uma relevância significativa, devendo constituir a medida ou uma das medidas que, pelas suas implicações na gestão dos custos associados à Saúde e na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, devem ser analisadas em acrescida consideração.

Recursos humanos competentes são capazes de decidir e atuar de acordo com os mais recentes desenvolvimentos saberes técnico-científicos, contribuindo para um maior grau de eficiência e de eficácia nesta área sensível que é a Saúde. A poupança imediata resultante da preferência por escolhas mais simplificadas e de recursos humanos menos qualificados, pode resultar em acréscimo de despesa no futuro. Destarte, todo o empenhamento e cuidado dispendidos na boa

gestão de recursos humanos, visando a melhoria e a atualização das capacidades e dos conhecimentos técnico-científicos individuais e das equipas multidisciplinares de profissionais de saúde, é, e será sempre, a atitude correta a tomar pelos decisores políticos competentes. A saúde e não é um bem qualquer que possa ser sujeito a um *trade off* com o desiderato de que seja capaz de gerar externalidades positivas, ou seja, o lucro. A visão a curto prazo e meramente economicista nem sempre funciona bem em saúde. A escolha de profissionais competentes nas suas áreas de intervenção e uma boa gestão de recursos humanos constituirão sem dúvida excelentes vias capazes de potenciar ganhos de produtividade em saúde. As notícias divulgadas recentemente pelo Infarmed, Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde (julho 2015), que referem uma poupança estimada de 166 milhões de euros como resultado do investimento na terapêutica inovadora contra a Hepatite C em cerca de 5000 doentes, apesar dos elevados montantes exigidos pela indústria, constituem um exemplo claro desta nova e consciente atitude dos profissionais e dos decisores em Saúde, que deve ser louvada e estimulada. Tal como apenas os excelentes surfistas são capazes de aproveitar a onda especial para nela surfar, a capacidade de enfrentar com critério, eficiência e eficácia as situações em saúde depende de uma aturada e contínua preparação e experiência dos profissionais envolvidos. A preparação e a formação contínua dos profissionais de saúde, centradas numa cultura científica e baseada na evidência, impõem-se pela rápida e constante evolução tecnológica, particularmente em áreas inovadoras, de que são exemplos os medicamentos biológicos e outros novos processos terapêuticos, com implicações relevantes na administração e aplicação em Saúde. A Qualidade dos serviços prestados em Saúde e o seu reflexo na Qualidade de vida dos cidadãos está muito dependente da experiência e da contínua aprendizagem dos seus profissionais. A formação contínua constitui, assim, o suporte que, por excelência, permite enfrentar o presente e perspetivar o futuro. Só a preparação científica (conta a história) permitiu o sucesso de Fleming perante o “acaso” da descoberta da penicilina.

¹Editor da revista Acta Farmacêutica Portuguesa